

Influência da mídia no uso irracional de medicamentos entre os discentes do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior

Influence of the media on the irrational use of medicines among pharmacy course students at a higher education institution

José Natal Leandro da Silva Junior¹, Walter Lins Barbosa Júnior²

RESUMO

A propaganda de medicamentos exerce uma influência significativa na população, induzindo à automedicação. Dessa forma, é relevante investigar se a população de discentes de um curso superior é influenciada por recursos midiáticos. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi realizar uma revisão narrativa a respeito da influência da mídia na automedicação entre os estudantes de graduação e também avaliar o modo como os discentes de uma IES são influenciados pelos recursos midiáticos. O estudo foi uma revisão narrativa, associado a uma pesquisa transversal com 51 estudantes do curso de farmácia da UNIVISA. Observou-se que 82,40% dos entrevistados afirmaram fazer uso de automedicação, 21,6% acreditavam ter experiência da graduação ou faziam uso do medicamento com base em receitas antigas e 15,7% foram influenciados por recursos de mídia. Assim, destaca-se que as informações expostas nos recursos de mídia não exerceram grande influência para uso de medicamentos entre a maioria dos discentes.

Palavras-chave: Mídia. Automedicação. Estudantes.

ABSTRACT

Drug advertising exerts a significant influence on the population, inducing self-medication. Thus, it is relevant to investigate whether the population of students in a higher education course is influenced by media resources. Thus, the objective of the research was to carry out a narrative review about the influence of the media on self-medication among undergraduate students and also to evaluate how students are influenced by media resources. The study was a narrative review, associated with a cross-sectional survey of 51 students from the pharmacy course at UNIVISA. It was observed that 82.40% of respondents declared to use self-medication, 21.6% affirmed they had experience of graduation or were using the medication based on old prescriptions, and 15.7% were influenced by media resources. Thus, it is noteworthy that the information exposed in the media resources did not influence on the use of medicines among most of the students.

Keywords: Media. Self-medication. Students.

¹ José Natal Leandro da Silva Junior. Bacharel em Farmácia pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA.

E-mail: jnatal.jr@outlook.com

ORCID: 0000-0003-1437-513X

² Walter Lins Barbosa Júnior. Doutor em Ciências. Docente do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA.

ORCID: 0000-0002-8301-6600

1. INTRODUÇÃO

No Mundo contemporâneo, utiliza-se o termo Medicina Baseada em Propagandas (MBP) para definir a prática da automedicação, adotada por uma parcela da população que é influenciada pelos recursos midiáticos (CHATTOPADHYAY; CHAUDHURI, 2020). A automedicação pode ser vantajosa quando visa tratar uma enfermidade de menor relevância, como uma simples cefaleia e/ou piroxia. Dessa forma, tal ação pode reduzir a procura pelo Sistema Único de Saúde (SUS), evitando o colapso. No entanto, essa prática é recorrente em grande parte do mundo, sendo considerada um problema de saúde pública (AMARAL et al., 2019). Assim, a administração de medicamentos para o tratamento de sintomas mais brandos pode ser considerada um problema, como o fato de mascarar sintomas de doenças mais graves e, conseqüentemente, causar o retardo no seu diagnóstico (RICARDO, 2019).

A prática da automedicação é descrita como o ato de selecionar e consumir medicamentos sem a devida orientação médica, objetivando tratamento de doenças e/ou sintomas autodiagnosticados. Desse modo, essa prática pode resultar no atraso no diagnóstico, o que pode contribuir para o agravamento das doenças e aumento do número de efeitos adversos, cujos medicamentos são responsáveis por 27% das intoxicações e 16% dos óbitos por intoxicações medicamentosas (MASSON et al., 2012).

Ademais, os resultados referentes ao uso irracional de medicamentos acarreta em grandes prejuízos para o SUS. No Brasil, foram registradas cerca de 10.501.890 internações no ano de 2020, cujo custo médio gerado por internação foi de R\$1.557,09. Neste mesmo ano, foram notificados 23.794 casos de intoxicação medicamentosa, resultando em uma despesa média R\$37.049,39 para o país (BRASIL, 2020).

A automedicação é justificada pelo fato de a grande parcela da população não ter acesso ao atendimento médico, por acreditar na ineficiência da cobertura do sistema único de saúde, associado aos baixos recursos financeiros pessoais para o pagamento de serviço de saúde privado, juntamente com a falta de tempo para consulta médica e/ou achar que o problema não requer a procura médica (GAMA; SECOLI 2017). Assim, alguns indivíduos não se consultam com os médicos por acreditarem em indicações de vizinhos, familiares ou procuram ajuda na internet de modo autônomo, fato que é bastante recorrente na atualidade; ademais, as propagandas de medicamentos também estimulam a automedicação (FAVORO et al., 2017).

Em adição, diversos fatores podem conduzir à automedicação na população, como a experiência de vida, maior grau de instrução, autoconfiança, compreensão do processo saúde-doença e a facilidade de acesso aos medicamentos, os quais são motores que contribuem para que profissionais de saúde e também os estudantes de graduação sejam um grupo vulnerável à prática da automedicação (MACHADO; SILVA; PEDER, 2020).

As propagandas de medicamentos, sejam por meio televisivo ou por recursos disponíveis na internet, exercem uma influência significativa na população, induzindo-a frequentemente a se automedicar, porque destacam apenas os benefícios dos medicamentos, deixando de apresentar informações relacionadas à segurança do indivíduo (ALEXANDRI et al., 2011).

No entanto, na maioria dos casos, as propagandas relacionadas aos medicamentos são criadas sem considerar os critérios científicos (SOARES, 2008), não sendo respeitado o regulamento estabelecido na resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 96, de 17 de dezembro de 2008, que dispõe a respeito das propagandas de medicamentos que tenham o objetivo de sua divulgação comercial e que sejam expostas em veículos de comunicação como: Rádio, televisão e internet. Ademais, seja esses medicamentos produzido a nível nacional ou internacional por meio de qualquer veiculação. Assim, só é autorizado ao público geral a publicidade de medicamentos isentos de prescrição (ANVISA, 2008).

Destaca-se que determinadas situações que ofereçam um devido risco à população, como a pandemia do ano de 2020 causada pelo novo coronavírus, levam as pessoas a tomarem atitudes inconsequentes. Com isso, evidencia-se um aumento pela busca por informações em redes sociais, as quais, em grande maioria, não são baseadas em uma fundamentação teórica segura e/ou precisa (CHATTOPADHYAY; CHAUDHURI, 2020). Desse modo, a população é exposta aos riscos inerentes ao uso de medicamentos sem prescrição.

A partir do que foi exposto, é relevante identificar se a população de discentes de um curso superior, mais especificamente do curso de farmácia, é influenciada por recursos midiáticos, que direcionam ao uso irracional de medicamentos, uma vez que durante a formação, os estudantes estão imersos em conteúdos relacionados à manipulação e administração de drogas. Dessa forma, a pesquisa foi estruturada em dois desenhos metodológicos, cujo objetivo foi avaliar o modo como os discentes de Instituições de Ensino Superior (IES) são influenciados pelos recursos midiáticos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia deste estudo foi estruturada em dois eixos:

2.1 Revisão Narrativa

A revisão narrativa reuniu informações provenientes de estudos que abordavam a influência da mídia no uso irracional de medicamentos entre os estudantes de graduação. Assim, foram incluídos na pesquisa (5) cinco artigos, publicados entre o período de 2011-2021. Entretanto, foram eliminados da pesquisa artigos cuja população não seja composta por estudantes de graduação. A pesquisa foi realizada nos seguintes bancos de dados científicos: Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), nas quais a seleção de artigos ocorreu durante o período de agosto de 2020 a fevereiro de 2021. As palavras-chave utilizadas para pesquisa foram elencadas com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), sendo elas: mídia, automedicação e estudantes.

2.2 Estudo transversal

A pesquisa transversal incluiu 51 discentes do curso de bacharelado em farmácia, que estavam cursando do 1º ao 10º períodos do curso no Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. Os discentes dos demais cursos oferecidos pela instituição não foram admitidos na pesquisa. As seguintes informações foram obtidas a partir do preenchimento do questionário pelos discentes: idade, sexo, frequência de automedicação após ingresso no curso de farmácia, classe de medicamentos utilizados, razões que proporcionaram a automedicação, o veículo de comunicação que favoreceu o contato com o medicamento e o relato dos possíveis efeitos adversos.

2.3 Análise de dados

A análise de dados foi realizada por meio de tabulação no Excel, a partir da realização de estatística descritiva simples para apresentação de frequências numéricas, referentes aos artigos relacionados à revisão narrativa. Ademais, essa análise também foi realizada com os principais tópicos do questionário respondidos pelos discentes dos 10 períodos do curso de farmácia da UNIVISA, relacionados ao estudo transversal. Os dados gerados a partir das análises foram apresentados em formato de tabela.

2.4 Considerações éticas

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNIVISA, sob CAAE nº. 43359321.2.0000.9227, cujo número do parecer de aprovação foi 4.576.403, atendendo aos padrões da resolução 466/12, que envolve a pesquisa com seres humanos.

3. RESULTADOS

Nos estudos selecionados para a realização da revisão narrativa, verificou-se que a idade média entre os participantes analisados foi 22,08 anos. Em relação ao sexo dos participantes, evidenciou-se que o sexo feminino foi o mais frequente, apresentando média de 62,34%. A prevalência da automedicação entres os cinco estudos selecionados foi, em média, 83,98%.

As classes de medicamentos mais utilizadas na prática da automedicação, entre os participantes dos estudos selecionados, foram os analgésicos e antitérmicos (55,52%), seguidos pelos antigripais (50,81%) e anti-inflamatórios (43,47%). No entanto, entre os medicamentos menos utilizados estão os antiácidos, antialérgicos e antibióticos, representados pelas médias 24,29%, 22,7% e 19,17%. As dores, gripe ou resfriado e a febre corresponderam as queixas mais citadas, tendo em média 58,17%, 38,5% e 33,27%; no entanto, as menos citadas foram alergia (22,87%) e dispepsia (21,0%).

A prática da automedicação foi influenciada pelos parentes, receita antiga/acreditar ter experiência da graduação, amigos, mídia: propaganda televisiva/internet, que tiveram, em média, 36,38%, 28,2%, 28,03% e 21,8%, respectivamente. Entretanto, as influências pelos farmacêuticos (20,1%) e balconistas (13,03%) estão entre as menos citadas. Ademais, os eventos adversos só estavam descritos em dois estudos, cujos sintomas mais recorrentes foram sonolência, cefaleia, mal-estar e ânsia de vômito (Tabela 1).

Em relação ao estudo transversal, o qual foi desenvolvido a partir dessa pesquisa, foram admitidos 51 participantes, discentes do curso de farmácia da UNIVISA, dos quais 68,63% (35) eram do sexo feminino. Neste estudo, a idade média dos participantes foi de 27,67 anos.

Em relação a prevalência do uso de medicamentos, 82,40% dos participantes fizeram uso de medicação no último semestre. As classes de medicamentos mais utilizadas foram as de analgésicos/antitérmicos, seguido dos anti-inflamatórios e antialérgicos, correspondentes a 94,11%, 41,2% e 21,6%, respectivamente. No entanto, os antibióticos foram os medicamentos menos utilizados (2,0%). As dores (88,2%), febre (29,4%) e alergia (29,4%) representaram as queixas mais citadas. Ademais, as principais influências para a

prática da automedicação foram receita antiga/acreditar ter experiência da graduação, balconistas, mídia: propaganda televisiva/internet, correspondendo a 21,6%, 19,6%, 15,7%, respectivamente. No entanto, as influências de farmacêuticos (13,7%), amigos (13,7%) e parentes (4,0%) estão entre as menos citadas. Entretanto, os eventos adversos foram observados em 2% da população de discentes, cujos sintomas descritos foram intoxicação e sonolência (Tabela 1).

Tabela 1 - Detalhes dos estudos relacionados à automedicação.

	MASSON et al. (2012)	LUZ et al. (2014)	GAMA; SECOLI (2017)	CRUZ et al. (2019)	PORTO, et al. (2020)	ESTUDO TRANVERSAL
Curso	Medicina	Biomedicina, Biologia, Engenharia elétrica	Enfermagem	Farmácia, fisioterapia, administração e ciências contábeis	Enfermagem	Farmácia
Cidade/Estado	São Paulo-SP	Uberlândia-MG	Coari-AM	Araçatuba-SP	Picos-PI	Vitória de Santo Antão – PE
Masculino	(165) 45,6%	(70) 54,69%	(50) 43,1%	(39)41,0%	(5) 10,20%	(16) 31,37%
Feminino	(197) 54,4%	(58) 45,31%	(66) 56,9%	(57) 59,0%	(44) 89,80%	(35) 68,63%
Média de idade	22,9	20,7	22,3	23,5	21	27,67
Prevalência da automedicação	98,3%	83,59%	76,0%	78,0%	84,0%	82,40%
CLASSES DE MEDICAMENTOS						
Analgésicos/ Antitérmicos	94,2%	75,0%	48,8%	19,6%	40,0%	94,11%
Antiinflamatórios	85,1%	8,59%	63,2%	-	17,0%	41,2%
Antigripal	68,5%	48,44%	-	35,5%	-	-
Antialérgicos	57,2%	-	10,0%	0,90%	-	21,6%
Antiácidos	43,1%	5,47%	-	-	-	-
Antibióticos	41,4%	13,28%	10,0%	-	12,0%	2,0%

Tabela 1 - Detalhes dos estudos relacionados à automedicação (continuação).

	MASSON et al. (2012)	LUZ et al. (2014)	GAMA; SECOLI (2017)	CRUZ et al. (2019)	PORTO, et al. (2020)	ESTUDO TRANVERSAL
PRINCIPAIS QUEIXAS						
Dores	85,4%	70,31%	50,0%	26,98%	-	88,2%
Gripe ou resfriado	82,3%	46,8%	10,2%	14,7%	-	-
Febre	81,5%	-	9,1%	9,2%	-	29,4%
Alergia	53,6%	-	10,0%	5,0%	-	29,4%
Dispepsia	47,8%	-	10,0%	5,2%	-	-
INDICAÇÃO/BUSCA DE INFORMAÇÕES QUE ESTIMULARAM A AUTOMEDICAÇÃO						
Amigos	22,1%	-	36,4%	25,6%	-	13,7%
Parentes	46,1%	53,1%	36,4%	25,3%	21,0%	4,0%
Farmacêuticos	18,0%	-	-	22,2%	-	13,7%
Balconistas	8,0%	23,4%	-	7,7%	-	19,6%
Mídia: Propaganda televisiva/Internet	23,8%	8,59%	12,5%	5,1%	59,0%	15,7%
Receita antiga /acreditar ter experiência da graduação	33,4%	-	30,7%	20,5%	-	21,6%
Eventos adversos	-	-	-	30% dos entrevistados relataram Alergia, ânsia de vômito, mal estar	52% Sonolência, 16% cefaleia, 12% náuseas, 12% mais de um sintoma, 8% nenhum sintoma	Intoxicação 2% Sonolência 2%

4. DISCUSSÃO

A presente pesquisa destaca a automedicação entre discentes de cursos superiores e a influência dos recursos de mídia para esta prática. Diante dos principais achados da revisão narrativa, destacou-se que o sexo feminino foi o mais frequente nas pesquisas realizadas, com exceção do artigo de Luz et al. (2014), corroborando com os dados

encontrados na pesquisa transversal aqui apresentados. Ademais, a prevalência da automedicação entre os entrevistados foi de 82,40%, dados semelhantes aos dos estudos realizado por Luz et al. (2014) e o de Porto et al. (2020), que foram de 83,59% e 84,0%. Nessa perspectiva, é válido destacar que a automedicação é mais frequente entre as mulheres pelo fato de apresetarem maior atenção com a saúde, quando comparadas ao sexo masculino (FERNANDES et al., 2020).

De acordo com a pesquisa tranversal deste estudo, foram diferentes fatores que proporcionaram o contato com os medicamentos, como amigos, parentes, farmacêuticos, balconistas e mídia. Destes, as propagandas televisivas e internet representaram 15,7% dos meios que estimularam a automedicação, apresentando resultados bastante semelhantes à pesquisa de Gama; Secoli (2017), 12,5%. No entanto, a pesquisa realizada por Porto et al. (2020) revelou resultados divergentes dos demais estudos, sendo as propagandas televisivas e a internet citadas por 59,0% dos entrevistados. Além disso, em uma pesquisa realizada por Oliveira; Frey; Marquez (2020), foi destacado que 60% dos entrevistados são motivados pelas propagandas de medicamentos veiculadas à TV, para compra e uso de medicamentos, dos quais 83% dos pesquisados afirmaram que imagem de artistas nas propagandas influenciaram positivamente na compra do medicamento. Ademais, as experiências anteriores com algum medicamento, via consulta de receita antiga, associado ao conhecimento adquirido ao longo de sua vivência na graduação, levaram o grupo pesquisado a acreditar ter conhecimento suficiente para o uso de medicamentos, tornando-se um fator determinante para a prática da automedicação em 21,6% dos entrevistados, sendo este dado semelhante ao da pesquisa realizada por Cruz et al. (2019).

Pode-se destacar que entre os medicamentos mais citados na prática da automedicação estão os analgésicos e antitérmicos, seguidos pelos antiinflamatórios, utilizados para aliviar os sintomas como: cefaleia e dores em geral, febre e alergias. Assim, apresentando resultados bem similares aos das pesquisas de Masson et al. (2012) e Luz et al., (2014), em que os analgésicos e antitérmicos foram citados por 94,2% e 75,0%, respectivamente, corroborando com o resultado de 94,11% do estudo transversal realizado na UNIVISA. No entanto, referindo-se aos sintomas de dores, foram citados por 85,4% e 70,31%, respectivamente, semelhantes aos resultados desta pesquisa, 88,2%. Ademais, de acordo com Sousa et al. (2018), em sua pesquisa a respeito dos eventos adversos relacionados aos medicamentos no Brasil, destacou-se que os efeitos mais citados foram sonolência, dor epigástrica, náusea, desconforto gástrico e tontura; entretanto, neste

estudo transversal, apenas 2% dos indivíduos apresentaram sonolência. Desse modo, é válido destacar que o uso de medicamentos sem a orientação de um profissional qualificado merece atenção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo destaca a automedicação como um problema do mundo contemporâneo. Ademais, essa prática está relacionada a uma série de fatores, como a influência da mídia, amigos e parentes. No entanto, os recursos midiáticos não exerceram grande influência entre os estudantes do ensino superior, destacado na revisão narrativa e no estudo transversal, quando comparados à leitura de receitas antigas/experiência proveniente da graduação.

Dessa forma, a elevada prevalência da automedicação é apresentada como um problema entre os estudantes de ensino superior. O conhecimento adquirido relacionado aos medicamentos, durante a graduação, associado às experiências prévias com algum tratamento farmacológico, podem conduzir o discente à reflexão de que a automedicação é um hábito seguro. A partir disso, observa-se a necessidade de uma maior abordagem a respeito da automedicação e uso de medicações, ao longo da graduação, com o objetivo de fortalecer discussões a respeito do uso racional de medicamentos, alertando os discentes a respeito de suas responsabilidades frente a promoção do uso racional de medicamentos.

REFERÊNCIAS

- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RDC N°96 de 17 de dezembro de 2008**. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/fiscalizacao-e-monitoramento/propaganda/legislacao/arquivos/8812json-file-1>>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- AMARAL, O; NÉLIO, V; PAULA, N; EMÍLIA, C; CLÁUDIA, C. et al. Automedicação na comunidade: um problema de saúde pública. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**. Portugal, P.423-432, 2019.
- ALEXANDRI, A. M. et al. Propaganda de medicamentos: um desafio para todas as profissões. **Revista Brasileira de Farmácia (RBF)**. Florianópolis-SC, P. 66-70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informação de agravos de notificação – **SinanNet.2020**. disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/Intoxbr.def>>. Acesso em: 2020
- CHATTOPADHYAY, A; CHAUDHURI, K. Covid-19, Hydroxicloroquina e a oitava alternativa. **Clinical Medicine Journal**, P.132-e133, 2020.

CRUZ, E. S; SILVA, S; AUGUSTO, V; COELHO, A. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**. Araçatuba-SP, v.03, n.01, P.1-11, 2019.

FAVARO, P. R. A; CARMO, R. G; CAIRES, D. R; SILVA, D. R; SOUZA, E. G. Influência da mídia na automedicação. 11ConacCones. Porto Seguro-BH, P.1-12, 2017.

FERNANDES, F. R; SOUZA, V. M. F. P; PEIXOTO, A. C; FIGUEREDO, R. C. Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma instituição de ensino superior do interior do Tocantins. **Revista Amazônia Science & Health**. Tocantins, V.08, n.03, P.20-35, 2020.

GAMA, A. S. M; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. São Paulo-SP, P.1-7, 2017.

LUZ, F. A. C; SILVA, G. M; BORGES, H. D.S; SANTOS, J. F; MOURA, L. D; CÂNDIDO, T. O; LOBATO, J. Perfil comparativo da automedicação entre estudantes da universidade federal de Uberlândia. **Revista Horizonte científico**. Uberlândia-MG, P.1-19, 2014.

MACHADO, J; SILVA, C. M; PEDER, L. D. Concepções Sobre Automedicação Entre Profissionais de Enfermagem. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**. Cascavel- PR, V.7, P.10-15, 2020.

MASSON, W; FURTADO, P. L; LAZARINI, C. A; CONTERNO, L. O. Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. Marília-SP, P.82-89, 2012.

OLIVEIRA. A. P; Frey. J. A; Marquez. C. O. Influência da propaganda na prática de automedicação em um grupo de moradores residentes em um bairro de Redenção-PA. **Revista Acadêmica Online**. Redenção-PA, P.1-14, 2020.

PORTO, T. N. R. S; BARBOSA, M. D. S; CARMO, M. L; NETO, B. P. S; MAGALHÃES, N. A; BALDOINO, L. S; MARTINS, V. S; CARVALHO, D. P; ARAÚJO, R. C. R; BANKS, L. S. B. Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Timon-MA, P.1-9, 2020.

SOARES, J. C. R. S. Quando o anúncio é bom, todo mundo compra. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Niterói-RJ, P.641-649, 2008.

SOUZA L. A. O; FONTELES, M. M. F; MONTEIRO, M. P; MENGUE, S. S; BERTOLDI, A. D; PIZZOL, T. S. D; TAVARES, N. U. L; OLIVEIRA, M. A; LUIZA, V. L; RAMOS, L. R; FARIAS, M. R; ARRAIS, P. S. D. Prevalência e características dos eventos adversos a medicamentos no Brasil. **Cad. de Saúde pública**. P.1-14, 2018.